# A AMIZADE DOS ADOLESCENTES: A VIDA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO SUJEITO

Joelma Tose Oliosi – Graduanda em Psicologia/UFSJ
joelmaoliosi@hotmail.com
Renata Vale Assunção – Bolsista de Iniciação Científica/UFSJ
renatavassuncao@gmail.com
Profa. Dra. Ruth Bernardes de Sant`Ana - Orientadora e coordenadora do grupo de pesquisa/UFSJ
ruthbs@ufsj.edu.br

## 1- INTRODUÇÃO

A investigação trata sobre a amizade, com enfoque para a vida escolar entre sujeitos que estão vivendo a entrada na adolescência (na faixa etária dos 12-13 anos de idade), alunos de escola pública estadual em São João Del-Rei, Minas Gerais (7ª, série, 8º. Ano).

A grande relevância de uma investigação acerca da amizade na adolescência, principalmente no que se refere ao contexto escolar, decorre de várias pesquisas tratarem desse ciclo da vida sem atentarem para esse relacionamento interpessoal em sua conexão com a escola. Para os adolescentes dos setores populares, o principal espaço em que as interações ocorrem parece ser a escola.

Diversos autores (Dayrell, 2007; Lepre, 2008; Gomes e Junior, 2007; entre outros) valorizam que a vivência de amizade pode ser tanto uma forma de reafirmar a identidade, quanto possibilidade de questionamento de pontos de vista apresentados e entendidos como verdades pelos adolescentes, até então. Gomes e Junior (2007) afirmam que a amizade possibilita enxergar os acontecimentos de diferentes perspectivas, através de trocas que contribuem para aprendizagem.

A amizade foi considerada como "fio condutor" para o estudo sobre os adolescentes por perceber que a mesma ocupa um lugar fundamental na vida dos jovens e por ser a escola um local de encontro dos amigos.

Como afirma Rayou (2005), há necessidade de considerarmos as experiências particulares vividas pelos jovens, no retrato do universo escolar em sua relação com a vida social dos mesmos. Essa seria uma forma de escapar ao "adultocentrismo" dominante nos estudos sobre a infância e a juventude, no sentido de uma mudança na perspectiva do olhar do investigador. Portanto, o que essa pesquisa propõe é conhecer a condição do ser adolescente e a implicação das amizades na escola a partir dos próprios sujeitos investigados, "dando voz "  a esses adolescentes.

## 2- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As trocas sociais entre amigos variam no decorrer da história, inclusive recebendo configurações próprias conforme a classe social, a idade, o gênero, o grupo étnico e assim por diante, assim como os dispositivos de comunicação colocados a disposição de cada segmento (a oralidade, a escrita, o uso da imagem, do computador, da internet, etc.).

Segundo o dicionário Aurélio, *amizade* é “sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou por atração sexual” ou ainda pode ser “estima, simpatia ou camaradagem entre grupos”. Em sentido amplo, a amizade é um relacionamento entre pessoas de fora dos laços familiares, baseado na confiança e no prazer de compartilhar experiências vividas, inclusive segredos e aspectos da intimidade pessoal.

Ferreira (2004) nos mostra que desde a tenra idade os seres humanos já estabelecem relações de amizade. Nessa relação o respeito, a cooperação e aceitação se dão de forma recíproca, ao mesmo tempo em que se trata de um relacionamento com obrigações mútuas. Isso é evidenciado por Viana (1947) em seu livro “Psicologia da amizade”, ao enfatizar que a amizade é nutrida com respeito, afeto, sinceridade e dignidade. Dessa forma, pode-se perceber que no que diz respeito à manutenção das amizades, a confiança e a solidariedade são fundamentais.

Segundo Ferreira (2004), a relação de amizade pode ser enxergada como uma maneira de se criarem proximidades em que os indivíduos se encontram envolvidos afetuosamente e socialmente, o que viabiliza uma possível modificação no ambiente institucional. Frequentar a escola inicialmente pode ser visto pelos adolescentes como uma obrigação maçante, mas por via das relações de amizade pode tornar-se uma rotina mais amena e divertida, criando-se rotinas de ação e momentos de descontração. Ter amigos também representa ter apoio no enfrentamento de problemas do cotidiano escolar. (Dayrell, 2007).

Gilberto Velho (1987), destaca a importância das relações de amizade e diz que estas, assim como os laços de parentesco, são redes de convívio social fundamentais na formação da subjetividade. Uma vez que os amigos são de escolha pessoal, elementos afetivos influenciam nessa escolha, de modo que nestas relações haja sentimento de solidariedade, estima, companheirismo e proteção.

Nesta perspectiva, a escola torna-se “cenário” das vivências dos jovens, visto que, como enfatiza Oliveira (2008), estes trazem para a escola suas culturas e ali constroem ativamente sua subjetividade. Dessa forma, as redes de amizade podem ser vistas como importantes contribuintes para o processo de reprodução cultural em que normas e valores do meio social em que vivem os adolescentes podem ser aceitos ou contestados.

É neste sentido que mais uma vez buscamos falar da amizade entre os adolescentes como uma forma de se mostrarem ao mundo como sujeitos dotados de aspirações e desejos próprios, além de demonstrarem a necessidade de escaparem de identidades sociais já fixadas pela sociedade. Em um mundo que se apresenta com tanta diversidade as amizades acabam se tornando um encontro de iguais e assim formam-se os grupos que possibilitam a expressão de uma maneira mais espontânea (Gomes e Júnior, 2007).

As relações de amizade se dão nas formas intra e intergêneros e são estruturadas pela cultura a forma como ocorrem essas relações, bem como forma de viver das pessoas de acordo com as implicações vigentes da estrutura de gêneros (Travesso-Yépes & Pinheiro, 2005).

Segundo Afonso (2001), cada cultura possui matrizes simbólicas que definem o que é masculino e feminino, bem como se relacionam e interagem. Desta forma, *relações de gênero* referem-se às relações entre mulheres e homens, não como seres biológicos, mas tais como são definidos pelas matrizes simbólicas de sua cultura. Assim, existem relações de gênero em todos os tipos de relações interpessoais nas diversas instituições e áreas da vida.

De acordo com Souza & Hutz (2007), na sociedade atual as relações inter e intragêneros se diferem na medida em que as mulheres tendem a estabelecer relações diádicas e recíprocas, enquanto os homens formam grupos mais amplos com maior abertura para novos integrantes. Dessa forma, a amizade entre as meninas é mais íntima e próxima, envolvendo trocas afetivas e maior facilidade em "se abrir"; já entre os meninos, a amizade é mais instrumental, ou seja, baseia-se na realização de atividades em conjunto, por exemplo, jogar futebol, e os assuntos conversados são mais superficiais. A amizade entre homem e mulher é um relacionamento com características próprias, que merece maior atenção e investigação.

Percebe-se, portanto, que as relações entre pares são valorizadas por diversos autores como referências fundamentais no processo de formação identitária dos adolescentes e devem ser pensadas no contexto cultural e histórico. Além disso, as relações de amizade possibilitam a compreensão de como os adolescentes experienciam as imposições dos adultos e a educação que recebem dos pais, professores, bem como as possíveis ressignificações das vivências.

## 3- METODOLOGIA

Para essa investigação realizamos observações em duas salas de aula em uma escola estadual na cidade de São João Del Rei, encontros semanais com um grupo de adolescentes da amostra, utilizando de dinâmicas de grupo e reflexões sobre assuntos que fazem parte do cotidiano juvenil, entrevistas individuais com quatro membros da amostra e um "caderno de perguntas", para registro de dados por parte dos próprios adolescentes.

Foram realizados 10 (dez) encontros, no primeiro semestre de 2009, coordenados pelas duas bolsistas de iniciação científica. As atividades realizadas tinham como objetivo conhecer um pouco mais sobre os adolescentes, de forma descontraída, baseadas em oficinas de dinâmicas de grupo.

Nesses encontros, buscamos trabalhar de forma a "dar voz" ao adolescente sobre seu cotidiano, suas experiências, a forma de lidar com as dificuldades e assim por diante. Dessa maneira, o adolescente foi reconhecido como um sujeito capaz de falar com propriedade da suas experiências, o que exige respeito e consideração pelo o que ele pensa e vive. Esses encontros foram registrados por duas filmadoras, uma que ficava nas mãos dos adolescentes e outra que ficava nas mãos de uma das pesquisadoras, a fim de obter e registrar dados, mas principalmente, ser condizente com a proposta da pesquisa e respeitar a visão dos adolescentes.

Paralelamente, ocorriam encontros com um grupo de adolescentes em outra escola estadual, coordenado por dois outros integrantes do grupo de pesquisa. As filmagens realizadas também foram analisadas.

Cada decisão a ser tomada era consultada e discutida com o grupo. Além disso, duas adolescentes da amostra tornaram-se bolsistas do PIBIC -Júnior, o que evidencia mais uma vez a atuação desses jovens na pesquisa, caracterizando-a como participante.

Fizemos quatro entrevistas individuais, cujo roteiro foi construído a partir das informações nascidas do processo grupal e de um roteiro de entrevista elaborado por eles. As entrevistas foram registradas por um gravador portátil e uma filmadora, a partir da autorização dos participantes.

Ocorreram também observações de 02 (duas) salas de aulas, com vistas a compreensão dos comportamentos dos adolescentes dentro e fora da sala de aula. Os dados que chamavam mais a atenção do pesquisador/observador eram registrados em

um diário de campo. Tais dados referiam-se às atividades realizadas e as formas de interações estabelecidas entre adolescentes e entre esses e o professor.

Um outro método utilizado foi o "caderno de perguntas", no qual eram registras perguntas que se referiam à condição de ser adolescente, à vida escolar e à relação com a família e os amigos. O caderno foi respondido pelos alunos da amostra e o objetivo era o de conhecer a visão dos adolescentes sobre eles mesmos.

## 4- RESULTADOS

Para a maioria dos adolescentes, a escola foi escolhida pelos seus pais e eles dizem ter ficado muito felizes quando nela encontraram amigos vindos da escola primária ou da vizinhança. Isso aparece em falas como esta: "Não queria vir pra cá, queria ir para a escola EEJS [outra escola da cidade], pois todas as minhas amigas queriam ir pra lá, mas acabou todo mundo vindo pra cá... Aí foi bom" (Maria, 12 anos, maio 2009). A mesma adolescente relata que quando ficou em sala separada de dois amigos de longa data (desde a pré-escola) reclamou na diretoria até que fossem remanejados para a mesma sala novamente.

As observações mostraram que o único fator a estimular a maioria dos alunos a permanecerem na escola é a relação com os amigos. Isso pode ser percebido quando os mesmos alunos, que burlam as atividades em sala de aula ou demonstram-se felizes quando são liberados antes do horário normal de término das aulas, permanecem na escola após a liberação, em rodas de conversa, caminham em pequenos grupos pelo pátio da escola ou vão para a quadra jogar futebol ou vôlei.

Identificamos que, as características apontadas pela literatura como essenciais para a manutenção da amizade, ou seja, solidariedade, companheirismo, proteção, afetividade e confiança, são realmente valorizadas pelos adolescentes como características dos amigos, isso pode ser percebido em falas como: "Ah! Amigo é aquele que te ajuda nas horas que a gente precisa" (Marcos, 12 anos, abril 2009). Ou ainda: "Tem os amigos que são falsos que só ficam com você enquanto você está bem, quando você precisa deles eles não te ajudam" (Luiz, 12 anos, maio de 2009). A confidência de segredos entre o grupo de amigos é clara e podemos observar em dizeres como este: "eu não falo para os meus pais que eu tirei nota vermelha, mas minhas amigas sabem" (Josefina, 12 anos, junho 2009). Tais expressões evidenciam que para vivenciar a amizade é preciso seguir algumas regras, no caso, estar pronto para ajudar o outro nos momentos de dificuldade.

Além disso, os adolescentes do contexto investigado valorizam ainda um outro aspecto da amizade: a ludicidade. Entre os amigos quase tudo "vira brincadeira": a nota baixa do amigo, o "ficar", o amigo com alguma característica que chama a atenção, a disciplina ensinada pelos professores, o próprio professor com seu jeito de falar ou vestir. Embora essas "brincadeiras" em alguns momentos pareçam incomodar alguns colegas, elas são sempre retomadas pelos adolescentes e o que foi "vítima" da brincadeira também "vitimiza" os outros amigos.

Há uma diferenciação entre amigos e colegas, como evidenciado na fala: "Amigos estão mais perto de você e colega são as pessoas que você conversa mas não tem tanta intimidade ... amigos são legais, sei lá.... gente boa, dá para confiar nessas pessoas, elas contam tudo pra gente... pra mim, eu conto tudo pra elas... por ter confiança e porque conheço há mais tempo" (Maria, 12 anos, maio de 2009).

A escolha dos amigos, segundo descrito pelos adolescentes da amostra, se dá de forma "automática": ocorre a aproximação através de diálogos, no qual, se houver

afinidades de interesse e manifestação de afeição mútua, acontece a formação de vínculos de amizades e a constituição de grupos de iguais. Outra forma ainda seria a convivência anterior. Isso pode ser evidenciado na fala de Luiz (12 anos, maio de 2009): “Eu brigava com eles no começo da quinta série. Ai eu comecei a conversar com eles”. Ou ainda na fala de Maria (12 anos, maio de 2009): “A Joana eu conheço ela desde quando eu estudava no BH [pré-escolar], aí eu entrei no EE [escola atual] a Joana já conhecia a Carla, ai a gente virou amiga”.

Nas conversas sobre a família aparece a questão das fronteiras geracionais. A família atende o requisito de estar pronta para ajudar a qualquer momento, no entanto não atende os requisitos em aspectos como: confiança para contar segredos, como notas abaixo da média e paqueras, e o prazer de compartilhar algumas experiências significativas (conversas, passeios, shopping).

O grupo de amigos na questão de liberdade representa o oposto do adulto (família, professor, vizinho) “limitador”; o amigo é aquele que estará junto para viver essa “liberdade” que eles tanto desejam, através da conversa na sala de aula, como companhia para sair de casa, etc. Para o adulto (que pode até ser um amigo, mas normalmente é uma amizade restrita) fica a parte desagradável das limitações, que eles demonstram entender que são necessárias e aos amigos o desfrute da liberdade.

Essa aproximação e expressão de amizade se dá entre ambos os gêneros, porém manifestam-se de forma diferentes.

Foi possível perceber que a amizade entre as meninas baseia-se na troca de contatos físicos, tais como abraços, beijos na bochecha, segurar as mãos ou passar a mão no cabelo da outra. Além disso, os grupos de amizades das meninas são fixos e fechados, ou seja, é possível encontrar o mesmo grupo sempre junto. Além disso, há maior confidencialidade de segredos e de assuntos sobre paqueras.

Entre os meninos, percebemos grupos mais abertos, com maior variabilidade entre os membros e os assuntos geralmente conversados são acerca do gol que fizeram durante a educação física ou a manobra realizada na bicicleta, ou sobre o time de futebol e, em menor grau, sobre meninas. Como ocorre na fala de Luiz (12 anos, maio de 2009): “Menino a gente fica falando de futebol e de menina e as meninas nem sempre falam de meninos elas conversam de outras coisas também”. Percebe-se ainda pouco contato físico, ou quando ocorre, é disfarçado de agressão física, como empurrões ou tapas.

A relação intergênero deve ser observada com cuidado, pois elas podem ser uma relação de amizade ou de interesse amoroso/sexual. O que se percebe é que a relação entre meninos e meninas é permeada por um toque de ludicidade e agressividade, na medida em que as meninas agridem fisicamente ou verbalmente os meninos, como “cala a boca”, ao mesmo tempo em que riem da situação. Isso ocorre geralmente, porque os meninos realizam certas “brincadeiras” com as quais as meninas se incomodam. Além disso, essas atitudes parecem servir como “disfarces” sobre interesses em “ficar” de qualquer uma das partes. De acordo com a fala de Luiz (12 anos, maio de 2009): “Uai... com as meninas a gente conversa de escola”, quando indagado a respeito do diálogo que estabelecem meninos e meninas, pode-se perceber que os assuntos compartilhados entre os gêneros são mais superficiais, acerca de situações vivenciadas por ambos.

Os dados coletados revelam ainda a visão do adolescente acerca da etapa de vida que está vivendo e também acerca da infância e adultez. Para eles, ser adolescente implica em ter maior responsabilidade e desejo de independência, além da interrupção das brincadeiras infantis, mas ainda não possui responsabilidades com o trabalho ou a família como o adulto.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se perceber que o que torna a escola atrativa aos alunos observados é a possibilidade de encontrar os amigos, o que, por um lado, facilita a assiduidade escolar e facilita a tolerância de aulas enfadonhas e sem sentido, mas por outro lado a interação social com os colegas durante o transcorrer das aulas, quando não administrada adequadamente, aumenta as dificuldades de concretização da aprendizagem, o que ocorre quando a maior parte da energia do adolescente é canalizada para a relação com os pares e questões do domínio não escolar.

A amizade entre adolescentes surge como um "falar a mesma língua" e parece ser uma referência de descontração, lealdade, confidências de segredos e ajuda mútua. Entre eles a relação fica em um nível de igualdade e parece não haver a cobrança típica do adulto. Assim, as amizades acabam se tornando um encontro de iguais e formam-se os grupos de adolescentes que possibilitam se expressar de uma maneira mais espontânea. Desse modo, a amizade é um relacionamento livre das exigências postas pela família ao indivíduo. Isso não significa que o constituir amizades não tenham participação da cultura, do ponto de vista da abertura dos indivíduos a esse tipo de laço, de restrições ligadas ao grupo de pertença dos sujeitos.

## 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


AFONSO, L. (2001) *A polêmica sobre adolescência e sexualidade.* Belo Horizonte: Campo Social. (Tese de doutorado publicada).

DAYRELL, J. (2007) A escola "faz" as juventudes Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade,* Campinas, 28(100), pp. 1105-1128.

FERREIRA, M. (2004) *A gente gosta é de brincar com os outros meninos!*. Ed. Afrontamento, Porto.

GOMES, L.G.N; JUNIOR, N.D.S. (2007) Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* 23( 2), pp. 149-158. ( Disponível em www.scielo.br, acessado em 24/08/2008).

LEPRE, R.M. (2008). *Adolescência e construção da identidade*. São Paulo. Programa de pós-graduação em educação – UNESP. (Disponível em http://psicopedagogia.com.br, acessado em 20/10/2008).

OLIVEIRA, A.M. (2008). *Jovens e adolescentes no ensino médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas* Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul (Dissertação de mestrado publicada).

RAYOU, P. (2005). Crianças e jovens, atores sociais na escola: como os compreender. *Educação e Sociedade,* Campinas, vol.26, n.91, p.465-484.

SOUZA, L.K. de; HUTZ. C. S. (2007). Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *PSICO,* 38( 2), pp. 125-132, Porto Alegre, PUCRS.

TRAVESSO-YÉPES, M. A.; PINHEIRO, V. de S. (2005) Socialização de Gênero e Adolescência. *Estudos Feministas,* 13(1):216, pp. 147-162. Florianópolis.

VELHO, G. (1987). Família e subjetividade. In ALMEIDA, A.M. de (org.) *Pensando a família no Brasil*. Espaço e Tempo, Rio de Janeiro- RJ.

VIANA, M. G. (1947). *Psicologia da amizade*. Editorial Domingos barreira, 2ª ed., Porto.